

**Autor:**

Eduarda Rabaçal

[edu8mar@gmail.com](mailto:edu8mar@gmail.com)

**Título:**

*Do feminino da Queste del Saint Graal e na Demanda do Santo Graal*

**Resumo:**

As diferentes versões da narrativa que conta a demanda do Graal por Galaaz, o cavaleiro escolhido, a saber, o texto que integra o ciclo do Pseudo-Boron — *Demanda do Santo Graal* — e a *Queste del Saint Graal* Vulgata, que a crítica defende terem origem numa redacção primitiva da *Queste*, apresentam naturalmente momentos narrativos idênticos que se caracterizam por divergências que parecem ir ao encontro do projeto ideológico de cada uma das redacções. Neste contexto, procuramos analisar o papel do feminino na parte inicial da *Queste del Saint Graal* Vulgata e da *Demanda do Santo Graal*, na tentativa de, por um lado, clarificar a função desempenhada por estas personagens e, por outro, aferir neste breve passo narrativo a maior ou menos proximidade de cada uma das versões à *Queste* primitiva.

**Palavras-chave:**

Romance arturiano; *Queste del Saint Graal* (Vulgata); *Demanda do Santo Graal*; cavalaria; linhagem; Santo Graal; mulheres no romance arturiano.

**Abstract:**

The different versions of the narrative that tells the quest for the Grail by Galahad, the chosen knight, namely the text that belongs to the Pseudo-Boron cycle – *Demanda do Santo Graal* – and the *Queste del Saint Graal* Vulgata, that scholars claim to have origin in a primitive *Queste*, present identical narrative moments in which the differences between versions seem to follow the ideological project of each writing. In this context, we seek to analyze the role of the female characters in the initial part of the *Queste del Saint Graal* Vulgata and the Portuguese *Demanda do Santo Graal*, in an attempt to clarify, on the one hand, the role played by these characters and, on the other, to assess the greater or lesser proximity of each of the versions to the primitive *Queste*.

**Keywords:**

Arthurian Romance; *Queste del Saint Graal* (Vulgata); *Demanda do Santo Graal*; chivalry; lineage; Holy Grail; women in the Arthurian romance.

**Como citar este artigo:**

Eduarda Rabaçal, «Do feminino da *Queste del Saint Graal* e na *Demanda do Santo Graal*», *Guarecer. Revista Electrónica de Estudos Medievais*, n.º 4, 2019, pp. 49-67.

DOI: <https://doi.org/10.21747/21839301/gua4a3>

## DO FEMININO NA QUESTE DEL SAINT GRAAL E NA DEMANDA DO SANTO GRAAL

Euarda Rabaçal<sup>1</sup>  
SMELPS/IF- FCT  
Universidade do Porto

O romance arturiano surge em França, na segunda metade do século XII, pela mão de Chrétien de Troyes<sup>2</sup>. Escrevendo em versos octossílabos, uma das suas primeiras obras terá sido encomendada por Marie de Champanhe, segundo o prólogo do próprio autor, que a designa *Lancelot ou le Chevalier de la Charrette*. Após uma recepção algo discreta<sup>3</sup>, o tema do romance é retomado, dando origem à redação, *circa* 1210, de um romance em prosa, conhecido entre os estudiosos como *Lancelot en prose*, que dotou o cavaleiro Lancelot de uma verdadeira biografia que o faz remontar aos momentos da infância. Esta narrativa, inicialmente isolada, assumirá uma versão mais expandida para se juntar a outras (*Estoire del Saint Graal, Merlin, Queste del Saint Graal / Mort Artu*) entre 1215 e 1225 e formar, assim, o primeiro ciclo em prosa<sup>4</sup>. De acordo com a investigação desenvolvida por José Carlos Ribeiro Miranda<sup>5</sup>, será a partir da parte final deste ciclo primitivo – que reunia uma *Queste del Saint Graal* e uma narrativa da morte do rei Artur – que virá a derivar a *Queste del Saint Graal-Mort Artu*, no conjunto de um ciclo que o estudioso, retomando linhas de inquérito da filologia alemã do final da

---

<sup>1</sup> O presente artigo resulta de investigação realizada no âmbito da Bolsa Individual de Doutoramento (SFRH/BD/115239/2016), financiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia e pelo Fundo Social Europeu.

<sup>2</sup> Dos vários romances arturianos escritos por Chrétien subsistem apenas quatro: *Le chevalier au lyon, Erec et Enide, Le chevalier de la charrette (Lancelot)*, e *Li contes del Graal*. Sobre o poeta e a obra ver, Frappier (1974).

<sup>3</sup> Na realidade, entre o *Lancelot* de Chrétien e o romance em prosa apenas há notícia de ter surgido o *Lanzelet*, de Ulrich von Zatzikhoven, escrito em médio-alto alemão, o que significa que, em ambiente francês, decorrem cerca de duas gerações sem que o romance do escritor de Champagne tenha suscitado qualquer réplica consistente, mesmo que tenha existido uma versão francesa daquele romance germânico. Cf. Kennedy (1990); Buschinger & Zink (orgs., 1995).

<sup>4</sup> Sobre o assunto, ver Lot (1918); Pauphilet (1950); Bogdanow (1965); Frappier (1978) que acreditavam no carácter unitário do conjunto do ciclo. Somente a partir de Kennedy (1986) se enraizou a ideia de que o *Lancelot* inicial não era parte de um ciclo, tendo este sido concebido posteriormente. Nesta linha, ver Miranda (1998a e b); Mosès (ed., 1998, «estudo introdutório»).

<sup>5</sup> Miranda (1998a).

passagem do século XIX para o século XX, designou como Pseudo-Boron<sup>6</sup>. Este ciclo, para além do *Livre de Lancelot* e da mencionada *Queste-Mort Artu*, seria ainda composto pela *Estoire del Saint Graal*, pelo *Livre de Merlin* e respetiva *Suite*, e ainda por uma versão do *Tristan en prose*. Porém, o testemunho que melhor ilustra a forma assumida neste último ciclo pela *Queste del Saint Graal-Mort Artu* é uma tradução feita para galego-português durante o século XIII, que atualmente se pode ler num manuscrito do século XV, conservado na Biblioteca Nacional de Viena com a cota 2594.

Por outro lado, daquele ciclo primitivo vem a originar-se uma outra versão da parte referente à aventura do Graal, conhecida como *Queste del Saint Graal Vulgata*<sup>7</sup>, caracterizando-se fundamentalmente por ser um romance autónomo, na medida em que a particular disposição da matéria narrativa que apresenta não aponta para a sua integração num ciclo. Segundo os estudiosos da Universidade do Porto que se dedicam a estas temáticas, a *Queste del Saint Graal Vulgata* resulta de uma reformulação profunda, numa lógica não-cíclica, da primitiva redação da *Queste-Mort Artu*<sup>8</sup>, onde sobressai o aproveitamento da matéria da *Estoire de Saint Graal* e a omissão sistemática das alusões à queda do mundo arturiano. Na base desta reformulação terão estado motivos de ordem ideológica, tornando este romance numa narrativa anti-cavaleiresca, marcada por uma espiritualidade ascética, em que a missão da cavalaria se aproxima de uma espécie de redenção da Humanidade<sup>9</sup>

Por seu turno, a *Queste del Saint Graal* do ciclo do Pseudo-Boron, cujo testemunho mais próximo parece ser a tradução portuguesa preservada no manuscrito de Viena, caracteriza-se por se apresentar, em conjunto com a matéria que narra a queda do mundo arturiano (*Mort Artu*), como o texto terminal de um conjunto de obras em torno do Rei Artur e das aventuras dos seus cavaleiros, onde os temas centrais parecem ser importância da linhagem de cavaleiros e a relação tensa entre realeza e cavalaria. É, ainda, particularidade deste texto o facto de integrar referências ou episódios que facilmente identificamos como sendo matéria originária do *Tristan* em prosa, romance que terá sido associado ao ciclo no processo de confeção do ciclo do Pseudo-Boron. Este ciclo conjugaria, assim, dois níveis sobrepostos de redação<sup>10</sup>: um nível primitivo (A), que consiste na matéria oriunda da *Queste del Saint Graal* do primeiro ciclo em prosa, ou

---

<sup>6</sup> Ver Wechssler (1895).

<sup>7</sup> A designação «Vulgate» está relacionada com a fortuna adquirida em França por este romance e também pelo ciclo reconstruído à sua volta, no qual avulta a *Mort Artu*. Cf Frappier (1978).

<sup>8</sup> «... a *Queste del Saint Graal* não é provavelmente a “Queste” inicialmente escrita para coroar o *Lancelot*, mas sim um texto mais tardio que veio substituir o texto primitivo, em obediência a um outro critério, eventualmente emancipado de considerações cíclicas, e a um conjunto de intenções diversas das iniciais...», Miranda (1998, p. 66).

<sup>9</sup> «...como se o redactor tivesse a intenção de exprimir as suas distâncias face ao universo arturiano, não só pelo julgamento desse mundo com critérios de uma severidade ascética, mas também por meio da rasura da letra que lhe dava vida. Porque... é mais de um romance contra a cavalaria que se trata do que da conclusão de um ciclo de romances de cavalaria», Miranda (1998b, p. 67).

<sup>10</sup> Identificados por Miranda (1998a), e posteriormente aprofundados por Laranjinha (2015).

*Queste* primitiva, e um nível tristaniano (B), visível na reprodução de referências ou episódios que reconhecemos do *Tristan en prose* ou desenvolvidos a partir da redação deste importante romance medieval<sup>11</sup>.

Porque parecem derivar de um mesmo texto – uma *Queste* primitiva, como já referimos anteriormente –, as duas versões bem distintas deste romance que narra a busca do Graal – *Queste del Saint Graal* e *A Historia dos Cavalleiros da Mesa Redonda e da Demanda do Santo Graall*, comumente conhecida como *Demanda do Santo Graal* ou *Livro de Galaaz* – possuem, naturalmente, matéria narrativa comum, supondo-se que, em grande medida, as discrepâncias narrativas que encontramos quando colocamos os dois testemunhos lado a lado resultam substancialmente da necessidade de ir ao encontro dos pressupostos ideológicos e narrativos que presidiram à redação de cada um deles.

Contudo, à primeira vista nem todas as divergências parecem gozar da mesma compreensibilidade à luz do que os textos advogam. Neste contexto, chamou a nossa atenção a presença do feminino em ambos os romances, recaindo a nossa análise no episódio do «Pentecostes do Graal», momento que se estende desde o início da narrativa até à partida dos cavaleiros da corte do rei Artur em busca do vaso santo, com particular incidência no que diz respeito ao relevo dado às personagens femininas em determinados momentos da ação. Para tal, e embora estejamos perante versões diferentes derivadas de uma mesma obra, colocá-las-emos em paralelo, recorrendo, para isso, ao testemunho da *Queste Vulgata* oferecido pela edição de Fanni Bogdanow<sup>12</sup> do manuscrito 073UCB, preservado na Bancroft Library (Califórnia), e ao manuscrito 2594 da Biblioteca Nacional de Viena como testemunho do ciclo do Pseudo-Boron, sem prejuízo do recurso a outros textos que julgemos pertinentes a cada momento de análise.<sup>13</sup> Por uma questão prática, usaremos nos nomes próprios a opção que encontramos no testemunho português.

Em ambos os textos, a narrativa tem início com a reunião de todos os cavaleiros e donzelas na corte do rei Artur em vésperas de Pentecostes para a celebração desta data tão recorrente no romance arturiano. Chega então uma donzela à corte em busca de Lançarote. Vejamos na tabela que se segue (1) um excerto referente a esse momento da narrativa.

---

<sup>11</sup> Cf. Löseth (1890); Baumgartner (1975).

<sup>12</sup> Bogdanow (ed., 2006).

<sup>13</sup> Siglas utilizadas: QV – *Queste del Saint Graal* Vulgata; DP – *Demanda do Santo Graal* (tradução portuguesa); QP – *Queste del Saint Graal* primitiva; ESG – *Estoire del Saint Graal*; LJA – *Estória do Santo Graal* (*Livro Português de José de Arimateia*); MA – *Mort Artu*.

DP	QV
<p>E quando el Rei vio <i>que</i> se fazia armar e tam gram coita foe a el co a raça e dise-lhe: «Como leixar-nos <i>queredes</i> aa tal festa hu cavaleyros de todo o mundo veem aa corte e muj mais ajnda por vos veerem e delles por averem vosa conpanha.» «Senhor», dise el, «nom vou senam a esta foresta com esta donzella <i>que</i> me rrogou, mais cras, ora de terça, seerei aqui.» [DP, f. 1r, b]</p>	<p>Et quant li rois Artus et tuit li autre qui el palés estoient virent ce, si lor en pesa molt. Neporquant, quisqu’il voient qu’il ne remaindroit pas, si l’en lessent aler. Et la roine li dit:</p> <p>- Que est ce, Lancelot, nos lerez vos a cest jor qui si est hauz?</p> <p>- Dame, fet la pucele, sachiez que vos l’avrez demain ceenz ainz hore de disner.</p> <p>- Or [i] voist donc, fet la roine, que s’il demain ne deust revenir, il n’i alast hui par ma volenté. [QV, pp. 82-84]</p>

Tabela 1

Ora, a donzela que chega à corte em busca de Lançarote vem pedir-lhe que a acompanhe à floresta. Sabe o leitor que o objetivo desta donzela, identificada em QV como vindo da parte do rei Peles e em DP como sendo uma das donzelas de Amida, é levar Lançarote até à abadia para que este arme Galaaz, seu filho, cavaleiro. Só assim Galaaz estará pronto para cumprir o seu destino de terminar a aventura da demanda do Graal. Os excertos que reproduzimos na tabela acima mostram o momento em que o rei Artur e a rainha Genevra se apercebem que Lançarote se prepara para abandonar a corte e se dirigem a ele para o interrogar. Em QV, é a rainha que interpela o cavaleiro, perguntando-lhe se vai abandonar a corte num dia tão solene. Esperava o leitor que a resposta viesse de Lançarote; contudo, quem toma a palavra para responder à rainha é a donzela, que informa Genevra que o cavaleiro estará de volta no dia seguinte antes da hora de almoço. Já em DP, o que vemos é que, na mesma situação, é o rei quem se dirige a Lançarote e lhe pergunta como pode abandonar a corte quando estão todos ali reunidos. E a resposta, tal como seria de esperar, vem do cavaleiro que informa o rei que no dia seguinte, hora de terça, estará de volta à corte para a celebração do Pentecostes. Assim, o que observamos na comparação destes testemunhos é que o texto francês parece dar primazia às figuras femininas em detrimento das masculinas, ainda que a escolha da personagem para realizar a ação descrita não altere o rumo da narrativa. Contudo, ao fazê-lo acaba por criar uma aparente e pequeníssima disfunção do ponto de vista da coerência narrativa, visto que coloca a donzela a responder a uma pergunta dirigida ao cavaleiro, sobrepondo-se, deste modo, ao mesmo. Esta opção narrativa, que acreditamos não ter sido arbitrária, poderá levar o leitor a questionar-se,

entre outros aspetos, sobre qual o propósito do redator, ou projetista, desta obra ao tomar uma posição que parece desvalorizar a figura do cavaleiro.

Perante o descrito acima, poderíamos ser levados a pensar que DP poderia estar mais próxima daquilo que terá sido a versão primitiva, mas fá-lo-íamos com base num único critério – o da coerência narrativa –, o que não se apresenta como dado suficiente para que possamos chegar a uma conclusão inabalável. Assim, ao analisar QV numa tentativa de procurar entender a escolha do redator ao dar maior relevo, por exemplo, à rainha Genevra, seria tentador reconhecer aqui um registo semelhante ao que encontramos no *Lancelot* em prosa, onde a figura régia feminina é enaltecida em detrimento da masculina<sup>14</sup>. Contudo, sabemos também que o espírito cortês que coloca a rainha num plano de destaque não se coaduna com a natureza ascético-espiritual que atravessa QV.

Por conseguinte, aceita-se, então, a possibilidade de esta escolha, de colocar em QV figuras femininas a desempenhar papéis que em DP são da responsabilidade de personagens masculinas, se prender sobretudo com o carácter anti-cavalaria, que já anteriormente referimos, desta obra tão particular. Neste contexto, poderíamos aventar que, em certa medida, ao passar para segundo plano as figuras do rei e do cavaleiro, ambos representantes de sectores fundamentais de uma sociedade terreal e mundana, QV estaria a anunciar já a vinda de uma nova cavalaria, representada por Galaaz, que viria a sobrepor-se à ordem anterior, e cujas características lhe permitirão assumir um papel determinante no término das aventuras do reino de Logres e na demanda do santo Graal, aventura central deste romance.

Um pouco mais adiante, encontramos um outro excerto que consideramos curioso. Trata-se do momento em que, após armar Galaaz cavaleiro, Lançarote se prepara para regressar à corte e quer saber se Galaaz também irá, pois convém-lhe que o faça para se apresentar na melhor corte, a do rei Artur.

DP	QV
Pois que Lançarot ouve fecto quanto a cavaleyro convynha disse: «Filho Guallaaz, ora sodes cavaleyro. Deos mande que seja a cavalaria tam bem empregada em vos como em nosso linhagẽ. Ora dizede irede-vos aa corte d’el Rei Artur hu mujtos homẽs bõõs de todallas partes do mundo veem e todollos cavaleyros do Regno de Logres som asumados em esta festa d’oie?» E elle dise:	Quant il li avoit fet tot ce que a novel chevalier covenoit, si li dist:  -Biau sire, vendrez vos a la cort lo roi Artur avec moi?  -Sire, fait il, avec vos n’irai je pas.  Lors dist Lanceloz a l’abesse:

<sup>14</sup> Rabaçal (2013); Correia (2015).

DP	QV
«Senhor, eu hirei mas nom <conheço> [convosco]. Outrem me gujara hi.» «E quando?», dise Lãcarot. E outros cavaleiros que com elle andavam disserom: «Senhor, pois ja cavaleiro he. Elle hira mais toste aa corte ca vos nom no cujdades, ca el sera hi muj çedo.» [DP, ff. 2r, b – 2v, a]	- Dame, sofrez que [n]ostre novel chevalier viegne avec nos a la cort mon seignor lo roi Artur, car il amendera plus assez d'estre la que de demorer ci o vos.  - Sire, fet ele, il n'ira pas orendroit; mes si tost com nos quiderons qu'il en soit lex et mestiers, nos l'i envoieons. [QV, p. 86]

Tabela 2

Ao lermos os dois excertos apercebemo-nos de imediato de qual é a principal divergência entre eles. Em QV, Lançarote pergunta a Galaaz se este o acompanhará à corte, ao que o jovem cavaleiro responde que não. Perante a recusa de Galaaz, Lançarote dirige a sua preocupação à abadessa, que lhe responde que Galaaz irá quando na abadia for decidido que é necessário e oportuno, mas que o jovem não acompanhará Lançarote naquele momento. Já em DP, quando recebe a resposta negativa de Galaaz, o pai de Galaaz interpela-o sobre quando pretende ir para a corte, recebendo a resposta por outros cavaleiros que «com elle andavam» e o informam que o jovem cavaleiro chegará em breve à corte, mais cedo do que Lançarote pensa.

Verifica-se, assim, que, mais uma vez, QV oferece para o mesmo passo narrativo uma lição que coloca uma personagem feminina numa posição de destaque, neste caso a abadessa, que detém o poder de decisão quanto ao momento em que Galaaz comparecerá na corte. Curiosamente, a opção, em DP, por uma personagem coletiva masculina – «outros cavaleiros» –, coloca em evidência o papel da cavalaria, que não detém aqui poder de decisão algum, mas que informa acerca daquilo que preocupa Lançarote e que é fundamental para o desenrolar da ação: a ida de Galaaz à corte do rei Artur para a celebração do Pentecostes e início da demanda do Graal. Neste caso específico é em DP que identificamos algumas questões relativas à coerência textual, nomeadamente no que diz respeito à identidade dos cavaleiros, que não é revelada, e à origem narrativa destes, visto que nada é dito acerca da sua presença anteriormente. Acresce ainda o facto de serem identificados como os que «com elle andavam», sem que na verdade se consiga perceber a quem se refere o pronome pessoal «elle».

Embora DP apresente alguns problemas de coerência narrativa que não encontramos em QV e que não nos permitem aferir ou julgar a fidelidade de DP relativamente a QP, ainda que no âmbito da pura conjectura por desconhecimento do conteúdo desta última, ao colocarmos DP e QV lado a lado é inegável que estamos perante uma despromoção da figura do cavaleiro ou da cavalaria nesta última versão. Esta depreciação torna-se visível não apenas na omissão da presença de «outros cavaleiros» em QV, dando destaque à figura da abadessa, representante do mundo



espiritual, como também no poder de decisão de que esta última é investida, situação que não encontramos em DP relativamente à cavalaria, ali representada pelos «outros cavaleiros», cuja identidade desconhecemos.

Perante este quadro, fica, ainda, por esclarecer uma questão. Se, por um lado, em QV é clara a intencionalidade das opções tomadas, em DP isso não é tão evidente, até porque o texto apresenta algumas inconsistências narrativas que lhe conferem uma certa vagueza. Considerando que texto em QV parece ir ao encontro do projeto ideológico desta obra tão peculiar, será a lição que encontramos em DP a que mais se aproxima da primitiva redacção do romance? E se assumirmos essa possibilidade, que propósito serviria a visão tão indefinida do papel da cavalaria oferecida por DP neste excerto e representada por «outros cavaleiros»?

Se dermos continuidade à nossa leitura em QV, vemos que Galaaz acaba por chegar à corte para ocupar o «Siege Perillex», que lhe estava destinado, pois era ele o cavaleiro escolhido para terminar as aventuras do reino de Artur. Nos seus aposentos, a rainha Genevra toma conhecimento do que se está a passar através de um escudeiro e reconhece a vinda de Galaaz para ocupar o «Siege Perillex» como algo positivo, pois outros o tinham tentado sem sucesso. É neste momento que um grupo de damas que se encontram com a rainha se manifesta, salientando a predestinação de Galaaz.

DP	QV
n/a	<p>-A non Deu, fet ele, dont li est il molt bien avenu, que cele aventure ne pot onques mes nus hom achever qu'il n'en fust morz ou mehaigniez ainz qu'il l'eust mené a fin.</p> <p>- Ha! Dex, font soi les autres dames qui iluec estoient, tant est ore de buene ore nez cil chevaliers! Onques mes hom, tant fust de grant proece, ne pot avenir a ce qu'il est avenu. Et par ceste aventure puet en bien conoistre que c'est cil qui metra a chief les aventures de la Grant Bretagne, et par cui li Rois Mehaigniez recevra garison. [QV, p. 100]</p>

Tabela 3

Este grupo de damas, que fala a uma só voz, parece assumir aqui uma função idêntica à do coro na tragédia clássica, isto é, a função genérica de comentar os acontecimentos. O recurso a uma personagem coletiva para sublinhar ou comentar algo relativamente à ação, ainda que não frequente, não é caso único no romance arturiano:

recorde-se que, mais adiante, já na matéria narrativa correspondente à *Mort Artu*, aquando da condenação da rainha, também o povo se manifesta, encontrando-se essa intervenção quer no texto francês, quer na tradução portuguesa<sup>15</sup>. Atentando no discurso das damas que se encontram com a rainha nos seus aposentos, apercebemos que este tem como propósito recordar ao leitor, de forma mais detalhada, que Galaaz terá nascido de auspícios felizes, pois nunca cavaleiro alcançara o que ele alcançou – o «Siege Perillex» –, que o jovem cavaleiro é o escolhido para terminar as aventuras da Grã-Bretanha e que será também ele a curar o rei Tolhido.

Na verdade, este discurso vem reforçar o que havia sido já anunciado pelo homem velho que chega com Galaaz à corte e o apresenta ao rei Artur, ainda que não seja feita no seu discurso de apresentação nenhuma referência ao rei Tolhido, lição que encontramos em QV e em DP de forma muito idêntica, como se pode ver na tabela que se segue.

DP	QV
<p>E o homem bõo pos os panos que trazia sobre ãu alfambar e foi a rei Artur e disse-lhe: «Rei Artur, eu te trago o cavaleiro desejado, aquel que vem do alto linhagem d’el rei David e de Josep Baramatia, per que as maravilhas desta terra e das outras haveram cima.» [DP, f. 5r, b]</p>	<p>Li prodom qui menoit le chevalier dist au roi la ou li le vit:  -Rois Artus, ge t’amain le Chevalier Desirré, celui qui est estrez del lignaje lo Roi David et [del parenté] Joseph d’Arimacie, celui par cui les merveilles de cest país et des estranges terres remaindroint. Vez le ci. [QV, p. 96]</p>

Tabela 4

Voltando novamente a nossa atenção para o excerto que reproduzimos na *Tabela 3*, verificamos, contudo, que o discurso das damas está ausente no texto transmitido pelo manuscrito de Viena. De facto, em DP, a informação acerca da predestinação de

<sup>15</sup> MA: “Quant la roïne fu oissue de cort, et cil de la cité de Kamaalot la virent venir, lors oïssiez les genz crier de totes parz, vielz et jeunes, povres et riches, qui disoient: «Ha! Douce dame debuenere, cortoise plus que autre dame, ou trouveront jamés povre gent pitié? Ha! Rois Artus, qui as porchacie sa mort par ta desloiauté, encor t’en poisses tu repentir et li desloial traïtor en poissent morir prochienement.»” [MA, p. 496]; DP: “Tanto que a raia saiu do paaço e a levarom pelas ruas da vila, veeriades correr de todas partes e sair mancebos e mancebas e velhos e velhas e ricos e pobres dando vozes e braados e fazendo o maior doo do mundo. E diziam todos a ãa voz: «Ai, senhora bõa e de bõo donaire e mais cortessa e mais ensinada d’outra dona, u acharóm, dêi i, os mais pobres conselho nem piedade? Ai, rei Artur, que a fazes por deslealdade e per bravura matar, ainda ende pesar venha e que ainda por em sejas destruido do reino. E os traedores que cho fezerom fazer moiram ainda de maa morte.» [DP, f. 189r, b].

Galaaz chega-nos através da figura do eremita, ainda na abadia, antes de Galaaz ser armado cavaleiro, como se reproduz no excerto que se segue.

E o jrmitam *que* sobeio amava Gallaaz velou toda *aquella* notte. Nom *quedou* de chorar por que vio ca se avja de partir d'elle. Quando veeo a manhã, disse a Gallaaz: «Filho, cousa *sancta* e honrrada, frol e louvor de todos os meniões, outorga-me, se te praz, que te faça conpanha em toda mjnha vida, mentre te poder seguir de *que* te partires da corte d'el Rei <Artar> [Artur], ca eu bem sei que nom moraras hi mais de hũu dia, ca a demanda do *sancto* Graal se começera tanto *que* tu hi cheguares. E eu te demando ta conpanha, asi como tu ouves que eu sei tua santa vida e ta bondade mais ca tu. E nom sey no mundo que me tanto podese *confortar* des oy mais como de veer tam *sancto* cavaleiro como tu seras e como tu veeras maravilhas a *que* daras cima. Ca *Deos* que te fez nascer em tal pecado como tu sabes, por mostrar seu *gram* poder, essa *gram* virtude te outorgou *per* sua piedade e pella bõoa vida *que* tu começaste de tua meneniçe ata aqui, *que* te dara poder e força e bondade d'armas e d'ardimento sobre todollos cavalleiros que nũca trouxerom armas no Regno de Logres. Asi que tu daras cima a todallas outras maravilhas e aventuras hu todollos outros falleçerem e falleceram. E porẽ quero todos teus factos saber que acabaras *que* foste fecto em tal pecado hu os outros nõ poderom hi avijr, que forom factos em leal casamẽto, eu te *quero* teer conpanha como sei que em noso tempo nunca fez tam fremosos milagres noso Señor, nem tã conhecidos como fara por ti. Esto *quero* eu melhor saber por veer as grandes aventuras e millagres *que* *Deos* por ti fara e mentre em *scripto* todallas maravilhas que *Deos* mostrara por teu amor. Esta demanda, filho, outorga-me o que te demando, *que* *Deos* te faça homem bõo.» [DP, ff. 2r, a – 2r, b]

Curiosamente, apesar de o discurso do eremita, sobre a predestinação e qualidades excepcionais de Galaaz, ser bastante longo, como podemos atestar, também não é aqui feita nenhuma referência ao rei Tolhido. Ora, esta ausência ganha especial interesse quando comparamos esta informação com a que encontramos na *Estoire del Saint Graal* ou na *Estória do Santo Graal (Livro Português de José de Arimateia)* relativamente a esta matéria, textos considerados pela crítica como os que figuram em primeiro lugar na estrutura narrativa do ciclo, visto conterem a explicação da origem linhagística e simbólica das principais personagens do romance arturiano em prosa, profetizando já acontecimentos e feitos vindouros que encontramos noutros romances. Vejamos, então, um exemplo do que reproduzem a ESG e o LJA relativamente a Galaaz.

ESG	LJA
Après le roy lambor regna li rois pelleam son fil qui fu mahaig[nie] de . ij . cuisses en vne bataille de rome & pour le mah[a]ig quil rechut en cele bataille lapelerent tuit cil qui le	Depos el rei Lambor, reinou depos ele seu filho que foi tolheito de ambas as coxas de ùa lamçada que lhe deu o cavaleiro das duas espadas com a lamça vimgador, por omde as

connurent le roy mehaignie por ce quil ne pot garir de la plaie deuant ce que galaad le tres bon cheualier le vendra uisiter. Mais lors sans faille sera il garis. Et de celui descendoit vns rois qui ot a non pelles biaux cheualiers & preus durement. Cil ot vne fille qui passa de biaute toutes les femes qui onques fuissent en la grant bertaigne. En cele damoisele qui tant ert bele engendra lancelet du lac galaad de boineure cheualier qui mist a fin les auentures du saint Graal & de la grant bertaigne. [ESG, p. 326]

aventuras vierão em Logres, asi como depois esta estorea vos comtará. E por aquele tolhimento, foi depois chamado Tolheito, e chamarom no Tolheito porque depois numqua pode sairar daquela chaga até que o mui bom cavaleiro Galaz, o filho de Lamçarote, o veio ver, mas emtão, sem falta, gu[a]reço. E depois dele saio ùu rei que avia nome Peles mui fermoso e mui bom cavaleiro d'armas e ardido. E aquele ouve ùa filha que pasou de bomdade todas as donas que forão na Gram Bretanha afora somente a rainha Ginebra, molher de el rei Artur. E ouve nome Amida e naquela domzela fez Lamçarote Galaz, aquele bem aventurado cavaleiro, que deu cima às aventuras da Gram Bretanha. [LJA, p. 344]

#### Tabela 5

Ora, o que verificamos quer na ESG francesa, quer na ESG-LJA, é que ambos referem que Galaaz será o que terminará as aventuras da Grã-Bretanha e curará o rei Tolhido, informação que apenas QV apresenta de forma completa através do discurso das damas.

Mais uma vez, QV coloca uma personagem feminina numa posição de destaque ao atribuir-lhe a função de relembrar ao leitor a importância fulcral de Galaaz na narrativa. Contudo, considerando que DP não apresenta outra lição para este passo, as questões que podemos colocar não irão ao encontro de uma reflexão em torno da opção do redator ou da função desta personagem coletiva em QV, que é indubitavelmente enaltecer a figura de Galaaz, o cavaleiro escolhido, como fizemos no primeiro exemplo, anteriormente selecionado. Coloca-se, antes, a questão sobre o que poderá ter levado à presença ou ausência do excerto em cada um dos testemunhos.

Deste modo, tendo em conta o que dissemos acima acerca deste excerto, podemos considerar que a repetição do artifício narrativo que tem como base o recorrer a uma personagem coletiva para comentar ou dar uma informação sobre a ação poderá ser um indicador de que o discurso das damas estaria já em QP. Assim, julgar-se-ia que o redator de DP teria optado por tornar o discurso do eremita mais longo e eloquente, discurso este ausente em QV, e, chegado ao ponto da narrativa em que se encontra o discurso das damas, teria escolhido não o reproduzir por considerar a informação nele contida redundante. Contudo, perante a fragilidade do argumento que agora apresentamos, poderíamos, ainda, colocar a hipótese inversa. Se em QP não existisse o episódio em questão, por que razão o acrescentaria o redator de QV? E o que poderá ter levado o mesmo redator a suprimir o discurso do eremita na abadia?

Segundo a crítica<sup>16</sup>, tal pode explicar-se na medida em que a personagem que vemos chegar com Galaaz à corte não será a mesma que apresenta Galaaz em QV, pois a personagem de DP será aquele eremita que já acompanha a educação de Galaaz no *Lancelot* em prosa, o mesmo que pede ao rei Artur que convoque a Mesa Redonda no dia de Pentecostes para que Galaaz se apresente publicamente. Em QV, o eremita é substituído por «un prodom a une blanche robe», que vem do «saint hostel» do «roi Pelles»<sup>17</sup>, que lhe vem ocupar o lugar, sendo, de facto, uma personagem nova. Segundo os estudiosos, há uma diferença na própria chegada de Galaaz à corte: em DP, o jovem cavaleiro entra sozinho no paço, como que miraculosamente, e o eremita passa pela porta, para depois apresentar Galaaz; já em QV, é o «prodom» que leva Galaaz pela mão, entrando, assim, ambos de forma misteriosa. Esta diferença estará relacionada com o diferente perfil do Bom Cavaleiro que é traçado em cada uma das versões. Em DP, ao fazer entrar Galaaz sozinho, o redator como que cria uma entrada imponente, que pretende apresentar Galaaz como um tipo de Cristo numa vertente cavaleiresca. Por seu turno, em QV, o que vemos será a caracterização de Galaaz como uma espécie de santo, sendo o homem vestido de branco uma representação do próprio Cristo que vem apresentar um discípulo seu:

É neste confronto de textos notória a forma diferenciada como Galaaz/Galaad acede à corte de Artur, sendo a sua entrada no caso da *Demanda* revestida de maior solenidade, através da descrição do ambiente sobrenatural que antecede a chegada do Bom Cavaleiro, muito mais ténue na *Queste*, denotando-se no texto português até mesmo pela mudez causada a ideia de uma presença imponente. Trata-se, pois, de uma conjuntura extremamente favorável ao aparecimento e apresentação daquele que desde cedo fora profeticamente designado nos textos que antecedem a “Queste-Galaad” como “Redentor” da cavalaria, anunciado ao rei e aos presentes como “cavaleiro desejado”, epíteto semelhante ao de Cristo, enquadramento este perfeitamente consonante com as expectativas indiciadas nesses mesmos romances. (...) Do lado da *Queste* Vulgata, sob uma aparente concordância com o relato dado na *Demanda*, outro sentido bem diverso é projetado. Em primeiro lugar, embora o fenómeno sobrenatural do cerrar das portas e janelas do palácio seja também assinalado, bem como um certo pasmo gerado no seio de todos os que ali se encontravam, a mudez não está incluída entre os efeitos que tal maravilha provoca, nem tão-pouco é suficiente para silenciar o rei Artur, não sendo por isso a entrada de Galaad tão extraordinária como aquela que é contada no texto português. Mas a diferença mais flagrante prende-se com a entrada de um “prodom a une blanche robe, vielz hom et anciens” que leva Galaad pela mão (...) Com efeito, tratar-se-á de uma figura divina cuja pureza e inquestionável autoridade sobressai na visão profética do escritor veterotestamentário, tendo-se nela provavelmente inspirado o redator da *Queste* para representar não menos do que o próprio Cristo. E, de facto, se num primeiro impacto uma certa autoridade se fazia pressentir com a sua impressionante entrada, crescendo a célebre saudação de paz por ele estendida à corte arturiana,

---

<sup>16</sup> Ver Miranda (1998b) e Silva (2019).

<sup>17</sup> QV, pp. 94-96 (ver adiante).

também as suas poucas e evasivas palavras abonam a favor de uma possível identificação deste homem com Jesus. (Silva, 2019, pp. 330-332)

Ora, deste modo, parece-nos que, se QV mantivesse o discurso inicial do eremita que faz o elogio de Galaaz, estaria a criar uma incongruência relativamente a esta representação cristológica que testemunhamos no momento do Pentecostes, razão pela qual terá suprimido o eremita e o seu aludido discurso, colocando o elogio de Galaaz na voz das damas.

Note-se, ainda, que toda a parte inicial do episódio do Pentecostes do Graal em QV é bastante resumida quando comparada com o texto que encontramos em DP, sobretudo no momento que narra a passagem de Lançarote pela abadia para a investidura de Galaaz, passo narrativo onde se incluiria o discurso do eremita. Após a sua exclusão inicial, o que terá motivado o redator a incluir o elogio de Galaaz mais adiante, através do recurso à personagem coletiva? Sem que a nossa proposta se afigure como solução para esta questão, ousamos colocar a hipótese de o redator procurar estabelecer uma ligação entre o que redigia em QV e o que se encontrava em ESG, levando-o a incorporar o discurso das damas, que segue de modo mais fiel o que é dito na narrativa que encabeça o ciclo, como forma de colmatar a lacuna da ausência do que é dito pelo eremita, sublinhando a predestinação de Galaaz.

Colocamos, agora, uma outra questão: estaria o discurso do eremita que encontramos em DP na primitiva *Queste*? Poderíamos argumentar que, neste caso, o discurso inicial de elogio a Galaaz feito pelo eremita que acompanhava já o futuro cavaleiro no *Lancelot* em prosa poderia efetivamente estar em QP, sendo eliminado para possibilitar o surgimento em cena de um «prodom», mais valioso para o projeto ideológico de QV. Aliás, se considerarmos que este eremita é já uma personagem na narrativa que diegeticamente antecede o texto da aventura da demanda santo Graal, faria sentido a sua presença em QP num sentido de continuidade narrativa, alheia à natureza ascético-espiritual da nova versão, isto é, a QV.

Seguindo a narrativa, um pouco mais adiante, surge o momento em que Galaaz se prepara para realizar e concluir a prova da espada no padrão. Vejamos o que reproduzem os testemunhos neste passo.

DP	QV
Ëtam ho filhou el rei pella mão e levou-o a rrebeira do rjo hu ho padram stava. E os do paaço foram todos com elles por veerem que poderia seer. E, quando a rainha vjo ca el rei levava Gallaaz pela mão ao pedram, sayo ella com gram conpanha de donas e de donzellas. E el rei dise a Gallaaz: [DP, f. 6v, a]	Atant le prent par la main et descent del palés, et tuit li baron de leenz vont après, por vooir coment l'aventure del perron sera menee a fin. Si acorent li .i. et li autre [en tel maniere] qu'il ne remest chevalier en tot le palés qui la ne venist. Et la novele vint maintenant a la roine, et si tost com ele l'ot

dire, si fet oster les tables et dit a .iiii. des plus hautes dames qui estoient avec lui:

-Beles dames, venez avec moi jusqu'a la rive, car je ne leroie en nule maniere que je ne voie ceste aventure mener a fin, se je i puis venir a tens.

Lors descendent del palés et orent avec eles grant compaignie de dames et de damoiseles. Et quant eles vindrent a la rive et li chevalier les virent venir, si comencierent a dire:

-Tornez vos, vez ci la roine!

Si li firent maintenant voie tuit li plus prisie.

Et li rois dit a Galaaz: [QV, p. 104]

*Tabela 6*

Aquilo com que nos deparamos neste caso difere do que apresentamos nos exemplos anteriores, pois não estamos perante uma relação ausência-presença. Aqui, em ambos os casos o que é narrado é semelhante. O rei Artur leva Galaaz até à ribeira onde se encontra a espada no padrão para que este conclua a aventura. Antes da conclusão da aventura que dará a Galaaz a espada, chega ao local a rainha acompanhada por algumas damas. E só depois o rei Artur se dirige a Galaaz para que ele tente retirar a espada. O que é notório, contudo, é que DP apresenta uma versão muito mais resumida da ação, enquanto que QV dá relevo à chegada da rainha, especificando que esta se faz acompanhar de quatro das suas damas mais nobres e um grande número de donzelas. Acrescenta, ainda, que, à sua chegada, até os cavaleiros de maior nomeada se afastaram para que ela pudesse passar, dando um toque de solenidade ao momento, como que a destacar a importância da presença da figura régia feminina, e ao mesmo tempo conferindo maior relevo ao feito de Galaaz.

Não conseguimos aqui apontar uma hipótese para esta diferença com base numa análise de carácter ideológico, considerando os pressupostos que parecem presidir a cada uma das redações. Deste modo, somos levados a focar a nossa atenção no que poderá mostrar-nos que um dos testemunhos seria mais fiel a uma versão primitiva neste passo da narrativa. Ora, nesse aspeto, e considerando que não se verifica uma alteração de sentido do texto entre QV e DP, o facto de QV apresentar maior detalhe poderá ser um indicador de que, aqui, este testemunho poderia estar mais próximo do texto que encontraríamos em QP, e que o redator de DP teria escolhido resumir aquilo que interpretou como menos importante naquele momento narrativo. Poderíamos, naturalmente, ponderar se teria sido o redator de QV a preencher o texto com maior detalhe, conferindo assim um maior realismo narrativo à cena em análise, e o texto que se encontra reproduzido em DP ser aquele que mais se aproximaria de QP. Contudo, é nosso parecer que esta última hipótese será a que apresenta maior fragilidade argumentativa se considerarmos a tendência para o resumo que QV apresenta no

episódio do Pentecostes do Graal, razão pela qual, a nosso ver, seria difícil explicar o que levaria ao evento inverso neste excerto, sem que lhe consigamos apontar um motivo de natureza ideológica.

Após esta breve incursão pela representatividade feminina no episódio do Pentecostes do Graal na *Queste del Saint Graal* (Vulgata) e na *Demanda do Santo Graal* (Pseudo-Boron) é inegável que o primeiro testemunho parece favorecer estas personagens em detrimento de personagens masculinas que possam desempenhar papéis idênticos na sua essência, contrariamente ao que encontramos no manuscrito de Viena. Através da análise de quatro excertos, procuramos aprofundar duas questões que nos parecem fulcrais para uma melhor compreensão dos textos.

A primeira questão diz respeito à função desempenhada por estas personagens. Fundamentalmente, acreditamos poder dividi-las em dois grupos. Por um lado, temos em QV as figuras femininas que, tendo sido substituídas por personagens masculinas em DP, assumem em QV a função de despromoção da «cavalaria terrena». Falamos do primeiro excerto, onde a rainha e a donzela, substituídas em DP pelo rei e por Lançarote, se sobrepõem em QV a estes, retirando-lhes a palavra e qualquer papel interventivo naquele momento; e do segundo excerto, onde a abadessa, substituída em DP por «outros cavaleiros,» assume em QV o poder de decisão sobre a ida de Galaaz à corte, poder este nunca dado aos cavaleiros, embora, como vimos, esta opção sirva também a coerência narrativa do texto ao serviço do seu projeto ideológico. Por outro lado, temos as personagens femininas que, estando ausentes ou esbatidas em DP, se apresentam em QV com a missão de enaltecer Galaaz. Falamos, neste caso, das damas e da presença da rainha na prova da espada no padrão.

A segunda questão que nos surgiu durante esta brevíssima análise consiste na possibilidade de aferir uma maior ou menor proximidade de cada uma das versões relativamente a QP. As conclusões a que fomos chegando em cada um dos excertos não nos permitem aferir com exatidão quais as versões de cada um dos momentos narrativos que mais se aproximaria da primitiva versão do primeiro ciclo em prosa, pois para tal seria necessária uma análise exaustiva e sistemática destes e de outros testemunhos de cada uma das versões, abordando outras temáticas para além da presença do feminino, e considerando, ainda assim, que sendo muito deste trabalho realizado no âmbito das conjeturas, a ausência de dados poderia levar-nos a resultados inconclusivos. Acresce, ainda, o facto de o único testemunho do ciclo do Pseudo-Boron ser não só uma tradução, mas também um manuscrito de redação tardia. Se a primitiva tradução para galego-português terá sido realizada ainda no século XIII, o testemunho que chegou até nós é um pergaminho do século XV, razão pela qual poderá já apresentar algumas diferenças relativamente à primeira tradução, isto é, ao texto que mais próximo estaria da *Queste* do Pseudo-Boron.

Assim, se o grau de proximidade destes testemunhos a uma *Queste* primitiva é ainda uma incógnita e carece de um estudo mais profundo dos textos, a breve análise



do papel desempenhado pelas personagens femininas no episódio do Pentecostes do Graal parece ser mais uma evidência dos diferentes propósitos que presidiram a cada uma das redações e que vão para além da sua integração num ciclo de romances. Se, por um lado, a versão do ciclo do Pseudo-Boron parece premiar a cavalaria escolhida assente no argumento da linhagem, conjugando em simultâneo as aventuras mundanas com outras a que apenas acedem os escolhidos, separando, assim, o trigo do joio, por sua vez, a versão Vulgata, numa tentativa algo forçada de retomar o anunciado na *Estoire del Saint Graal*, opõe os “chevaliers terriens” enquanto pecadores aos “chevaliers celestiens” enquanto virtuosos, como afirma José Carlos Ribeiro Miranda:

De notar que a QUESTE da VULGATA tem uma visão diferente da cavalaria e da sua dimensão. Retomando uma asserção profética que a ESTOIRE produzira – “illeuc seront li vrai chevalier Ihesu Crist les chevaleries couvertes et les chevaleries terrienes devenront celestienes...” – e interpretando-a de um modo forçado e unilateral, transformou os “chevaliers terriens” pura e simplesmente em pecadores e os “chevaliers celestiens” em virtuosos, carregando, assim, a cavalaria real das mais negras cores. (Miranda 1998b: 186)

QV premeia, deste modo, estes últimos e recorre às personagens femininas para enaltecer a cavalaria representada por Galaaz. Neste contexto, e porque o rumo ideológico da narrativa passa também pela participação na ação de personagens de menor relevo, fica, ainda, por aferir que outras personagens laterais poderão, ao longo do romance, ter contribuído para a prossecução dos respetivos projetos narrativos. Ainda que este assunto não caiba neste breve estudo dedicado ao feminino no Pentecostes do Graal, acreditamos que futuras incursões em busca de respostas para esta e outras questões possam trazer à luz aspetos que nos permitam um melhor conhecimento dos textos e da sua posição no universo da literatura arturiana na Idade Média.

## **Bibliografia:**

### Manuscritos e edições

Manuscrito 2594 da Biblioteca Nacional de Viena

Bogdanow, Fanni, (ed., 2006), *Quête del Saint Graal*, Col. Lettres Gothiques, Paris, Le Livre de Poche.

Hult, David F. (ed., 2009), *La Mort du roi Arthur*, Col. Lettres Gothiques, Paris, Le Livre de Poche.

Miranda, José Carlos Ribeiro; Ailenii, Simona; Correia, Isabel; Laranjinha, A. Sofia; Rabaçal, Eduarda (eds., 2016), *Estória do Santo Graal (Livro Português de José de Arimateia)*, Porto, Estratégias Criativas.

Sommer, Oskar (1910), *The Vulgate Version of the Arthurian Romances. Vol. I. L'Estoire del Saint Graal*, Washington, The Carnegie Institute of Washington.

### Estudos

Ailenii, Simona (2009), «O arquétipo da tradução portuguesa da *Estoire del Saint Graal* à luz de um testemunho recente», *Revista Galega de Filoloxía*, 10, pp. 11-38.

Baumgartner, Emmanuèle (1975), *Le Tristan en prose. Éssai d'interprétation d'un roman médiéval*, Genève, Librairie Droz.

Beltrami, Pietro G. (1989), «Lancelot entre Lanzelet et Eneas: remarques sur le sens du *Chevalier de la Charrette*», *Zeitschrift für französische Sprache und Literatur*, 99, pp. 234-260.

Bogdanow, Fanni (1975), «The relationship of the Portuguese and Spanish *Demandas* to the extant French manuscripts of the Post-Vulgate *Queste del Saint Graal*», *Bulletin of Hispanic Studies*, 52, pp. 13-32.

Bohigas, Pere (1925), *Los textos españoles y gallego-portugueses de la Demanda del Santo Grial*, Anejo VII de la RFE, Madrid, Imprenta Clásica Española.

Buschinger, Danielle & Michel Zink (orgs., 1995), *Lancelot, Lanzelet: hier et aujourd'hui, pour fêter les 90 ans de Alexandre Micha*, Greifswald, Reineke-Verlag.

Correia, Isabel (2015), *Do Lancelot ao Lançarote de Lago. Tradição Textual e Difusão Ibérica do Romance Arturiano Contido no ms 9611 da Biblioteca Nacional de Madrid*, Porto, Estratégias Criativas, ISBN: 13.978-972-8257-58-3.

Frappier, Jean (1974), «Chrétien de Troyes», in Loomis, Roger Sherman (ed.). *Arthurian Literature in the Middle Ages: A Collaborative History*, Oxford, Clarendon Press, p. 159 e seg.

Frappier, Jean (1978), «Le cycle de la *Vulgate (Lancelot en prose et Lancelot-Graal)*», in *Grundriss der Romanischen Literaturen des Mittelalters*, dir. Reinhold R. GRIMM, Heidelberg, Carl Winter-Universitätsverlag, IV, 1, pp. 536-589.

Laranjinha, Ana Sofia (2010), *Artur, Tristão e o Graal: a escrita romanesca no ciclo do Pseudo-Boron*, Porto, Estratégias Criativas.

Löseth, Eilhart (1890), *Le roman en prose de Tristan et la compilation de Rusticien de Pise. Analyse critique d'après les manuscrits de Paris*, Paris, Émile Bouillon, Éditeur.

- Lot, Ferdinand (1954), *Étude sur le Lancelot en prose*, Paris, Librairie Honoré Champion, (reprint ed. 1918).
- Kennedy, Elspeth (1986), *Lancelot and the Grail*. Study of the prose Lancelot, Oxford, Clarendon Press.
- Miranda, José Carlos Ribeiro (1998a), *A Demanda do Santo Graal e o Ciclo Arturiano da Vulgata*, Porto, Granito.
- Miranda, José Carlos Ribeiro (1998b), *Galaaz e a ideologia da linhagem*, Porto, Granito.
- Mosès, François (ed., 1998), *Lancelot. La fausse Guenièvre*, Paris, Librairie Générale Française [estudo introdutório].
- Pauphilet, Albert (1950), «Sur la composition du Lancelot-Graal», in *Le legs du Moyen Age. Études de littérature médiévale*, Melun, Librairie d'Argences, pp. 213-217.
- Rabaçal, Eduarda (2013), *Louvor e condenação da rainha Genevra no romance arturiano em prosa*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto (dissertação de mestrado policopiada).
- Silva, Rafaela (2019), *A Escrita Bíblica no Romance Arturiano em Prosa: a Demanda do Santo Graal e a Queste del Saint Graal*, Porto, FLUP (dissertação policopiada).
- Trujillo, José Ramón (dec. 2013), «Traducción, refundición y modificaciones estructurales en las versiones castellanas y portuguesa de *La Demanda del Santo Grial*», *e-Spania. Revue interdisciplinaire d'études hispaniques médiévales et modernes*, 16.
- Wechsler, Eduard (1895), *Ueber die verschiedenen Redaktionen des Robert von Borron zugeschriebenen Graal-Lancelot-Cyklus*, Halle, Max Niemeyer.